

**“PERIFERIA” METROPOLITANA PAULISTANA EM INTERAÇÃO COM OS  
PRIMÓRDIOS DA URBANIZAÇÃO DE SÃO PAULO – SÉC. XIX/XX  
PENHA & GUARULHOS**

O tema central da presente comunicação tem origem na realização da nossa pesquisa de mestrado, publicada em 1998 a partir do financiamento da FAPESP com o título "Nem Tudo Era Italiano – São Paulo e Pobreza (1890-1915)".<sup>1</sup> Naquele momento, como agora, partimos da observação do universo urbano, arquitetônico e humano diversificado da atual região metropolitana de São Paulo e buscamos sua relação com o processo histórico de formação da metrópole contemporânea.

Procuramos acompanhar a forma como foram apresentados ou esquecidos espaços e sujeitos sociais nem sempre considerados significativos para a metropolização paulistana, tanto pela historiografia como por aqueles que descreveram a cidade ou atuaram sobre ela. Interessou-nos particularmente o final do século XIX e primeira metade do XX, - um período costumeiramente descrito como de constituição da “cidade industrial”, de rápido crescimento populacional, expressiva urbanização e de construção de vários símbolos sobre a região da capital do Estado, marcando os primórdios da metropolização de São Paulo.<sup>2</sup>

Durante o mestrado direcionamos nossos estudos para as camadas populares nacionais da população, analisando em sua interação espacial com outras camadas e levando em conta a urbanização paulistana entre 1890-1915. Privilegiamos então alguns dos espaços mais centrais da cidade de São Paulo: Triângulo Central, Várzea do Carmo e Sul da Sé.<sup>3</sup> Porém, já naquele trabalho nos inquietava a maneira pela qual as áreas denominadas hoje “periferia” e seus grupos populacionais vivenciaram o processo de transformações urbana e populacional por qual passava São Paulo na época.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> A dissertação foi defendida junto ao Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP com o auxílio financeiro da CAPES e publicada com o título: SANTOS, Carlos José Ferreira dos. **Nem Tudo Era Italiano - São Paulo e Pobreza (1890-1915)**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 1998.

<sup>2</sup> Os termos cidade industrial e primórdios da metropolização serão discutidos mais adiante.

<sup>3</sup> Triângulo Central (Rua Direita, São Bento, XV de Novembro e, particularmente, o Largo Nossa Senhora do Rosário que ficava nesse espaço, onde hoje está a Praça Antonio Prado), Várzea do Carmo (região do atual do Parque Dom Pedro II e do Mercado Público Municipal), Sul da Sé (área hoje localizada entre a Praça da Sé, parte do Glicério e da Liberdade).

<sup>4</sup> Como “periferia” metropolitana compreendemos os bairros mais distantes do núcleo central da metrópole e algumas das cidades da chamada Grande São Paulo (as intituladas cidades periféricas). Portanto, estamos partindo de uma localização geográfica-espacial. A princípio consideramos esta localização espacial como válida. Entretanto, é nosso propósito discuti-la em suas implicações com o contexto de formação histórica da área metropolitana, por isso a palavra aparece aqui entre aspas.

A partir dessa problemática constituímos o tema central da atual. Ele consiste em acompanhar dimensões particulares da “periferia” metropolitana paulistana em algumas de suas relações com as áreas centrais nos primórdios da metropolização, de 1890-1945. Buscamos assim discutir esses lugares e seus sujeitos sociais em relação à dinâmica urbana paulistana, estudando seus próprios discursos, práticas, memórias, imagens, conjunto arquitetônicos, ordem espacial e as comparando com a maneira como a historiografia as vem tratando. Os objetivos são não só entendê-los em suas singularidades e riqueza específica mas também colaborar na crítica e aperfeiçoamento historiográfico.

Este caminho consolidou-se ainda mais a partir da nossa atuação profissional na reorganização do setor de Patrimônio Cultural e do Arquivo Histórico do município de Guarulhos, bem como através da organização documental que estamos realizando na direção da criação de um Centro de Estudos e Memórias no bairro da Penha de França.<sup>5</sup>

Nos dois trabalhos - o primeiro realizado junto à Prefeitura de Guarulhos e o segundo ainda em constituição com o apoio de particulares e membros da Igreja Católica da Penha - deparamos com uma série de documentos escritos e iconográficos (muitos dos quais inéditos para a pesquisa acadêmica), patrimônio edificado (igrejas, casas, etc), espaços construídos (ruas, praças etc), manifestações socioculturais (festas religiosas, procissões, romarias, folias de reis, moçambiques, congadas, catiras etc) e memórias de antigos moradores que nos remetem a espaços de vivências ainda pouco acompanhados no processo de constituição da metrópole. Isso sobressai quando comparados com os estudos acerca das áreas mais centrais da cidade e suas adjacências, conforme o levantamento bibliográfico realizado até o momento, fontes cuja informações, numa leitura inicial, também deixam sobressair o final do século XIX e primeira metade do XX, como época de transformações decisivas na configuração desses núcleos.

Após a realização da disciplina "Modelos de Historiografia do Meio Ambiente Construído", oferecida pela Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Irene Szmrecsanyi no Pós-Graduação da FAU-

---

<sup>5</sup> Nossa atuação profissional junto a Prefeitura de Guarulhos e ao acervo da Penha esta relacionada ao núcleo de estudo e pesquisa sobre história, memória e patrimônio das cidades denominado como “Tao Memórias”. Núcleo do qual somos membros e autores da proposta inicial. Após apresentarmos o projeto à Secretaria de Cultura de Guarulhos fomos contratados em 1999 para realizar a reorganização do Setor de Patrimônio Cultural da Cidade, do Arquivo Histórico e do Conselho Consultivo do Patrimônio Municipal, todos anteriormente desativados. Após dois anos de trabalho, concretizamos parte da reorganização, realizamos diversos estudos e intervenções. Atualmente somos membros do Conselho de Patrimônio e novamente contratados pela Secretaria de Cultura local. Do mesmo modo, estamos na fase inicial de viabilização de Projeto que busca a criação de um Centro de Estudos e Memórias da Penha (CEMP).

USP, experiência somada ao trabalho de levantamento que realizamos para a pesquisa da mesma Professora sobre ementas de teses e dissertações que discutem as cidades naquele Programa de Estudos Pós-Graduados, começamos a receber sua orientação, ampliando nosso referencial teórico-metodológico. Novas perspectivas de abordagem da temática que procurávamos discutir foram abertas com essas atividades, apontando caminhos para retomar a problemática inicial que partimos em conexão com o trabalho de organização e estudo das fontes documentais, arquitetônicas, espaciais e outras manifestações da memória sociocultural com que trabalhávamos.

Desenvolvemos a partir desse percurso acadêmico-profissional e com o auxílio da Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Irene Szmrecsanyi, uma definição mais precisa dos recortes temporal, espacial e conceitual do nosso tema, constituindo o objeto de estudo desta pesquisa. Trata-se da conformação do espaço urbano periférico pela ação dos seus sujeitos e em interação com a urbanização central de São Paulo, acompanhando a formação ou transformação de possíveis identidades locais sob uma dinâmica urbana única, entre a constituição da "cidade industrial" ou os primórdios da metropolização, (virada do século XIX e primeiras décadas do XX) chegando até a época da primeira gestão de Prestes Maia (1938-1945), - um dos grandes urbanistas paulistanos.

Para apreender mais detidamente esse processo buscamos aprofundar a pesquisa em relação as transformações ocorridas no bairro da Penha de França e no município de Guarulhos (ex-freguesia de São Paulo), como duas áreas de antiga ocupação e onde a pesquisa já foi iniciada com grande potencial de informações para nosso estudo. Pesquisa que será contraposta à maneira como esses lugares (em particular) e a “periferia” (de maneira geral) tem sido vistos (ou não percebidos) pela historiografia urbana de São Paulo, especialmente a produzida na FAU-USP - instituição privilegiada para o estudo dos espaços construídos.

Trata-se assim de uma pesquisa de natureza historiográfica, buscando apreender a evolução dos espaços e seus sujeitos no tempo e, simultaneamente, constitui um trabalho em metodologia da história, objetivando discutir formas de abordagem acerca das cidades, dos processos de urbanização, industrialização e metropolização paulistana.

Ressaltamos que estamos tomando como base de nosso estudo o município de Guarulhos (pertencente ao município de São Paulo até 1880) e o bairro da Penha de França. Essa opção

decorre da importância das duas áreas no atual contexto metropolitano paulistano e dos trabalhos que já estamos realizando, facilitando o levantamento e manuseio das fontes, conforme destacamos anteriormente.<sup>6</sup>

Porém, nossa escolha justifica-se acima de tudo por considerarmos esses espaços, entre outros, como núcleos de presença significativa para a constituição histórica da metrópole, seu povoamento, metropolização e suburbanização.<sup>7</sup> De acordo com o levantamento sumariamente realizado, Penha de França e Guarulhos, entre outros núcleos, constituiriam no processo de metropolização pólos exemplares para o estudo daquilo que Pasquale Petrone denominou de "cinturão caipira" da cidade, posteriormente seus subúrbios e, como explica Maria Irene Szmrecsanyi, orientadora desta pesquisa, "mais recentemente em partes integrantes da própria metrópole, mantendo sempre alguma forma de relação de dependência e subsídio para com o centro".<sup>8</sup>

Lugares denominados antes também como arrabaldes, arredores, cinturão verde, cinturão caboclo e, mais recentemente, como "periferia", "subúrbio", "bairros dormitórios", cidades-periféricas quando nos referimos à alguns dos municípios da "grande São Paulo". Portanto, áreas relevantes no sentido de estudarmos a relação "periferia"-cidade durante a metropolização e consolidação da ordem capitalista paulistana.<sup>9</sup>

A título de demonstração da relevância desses antigos núcleos e sua interação com a urbanização paulistana, ainda segundo Petrone, "no decorrer do século XIX, especialmente durante a segunda metade, os aldeamentos perderam suas características de núcleos indígenas e

<sup>6</sup> Dados atuais sobre os dois espaços. Destacar a área de extensão da Penha, o comércio, os ônibus. Guarulhos com o II maior município do Estado, arrecadação do ICMS, favelas.

<sup>7</sup> Importa destacar que está em nossos propósitos, após a realização desse trabalho, continuar nossos estudos pesquisando outros núcleos paulistanos no sentido de apreendermos especificidades, realizarmos leituras comparativas e verificamos a possibilidade de generalizações.

<sup>8</sup> Como explica a Profª. Dra. Maria Irene Szmrecsanyi esses núcleos mais antigos eram, por vezes, "originalmente aldeias jesuíticas-indígenas, pouso de tropas, vilarejos da cultura caipira transformados depois em subúrbios e mais recentemente em partes integrantes da própria metrópole, mantendo sempre alguma forma de relação de dependência e subsídio para com o centro". In: SZMRECSANYI, M. I. "Texto Avulso de Orientação". São Paulo: Digitado, 07/2000.

<sup>9</sup> Esta nomenclatura advém dos textos até o momento estudado. Esta em nossa intenção aprofundar este levantamento e discutir os significados destas palavras. Aqui cabe ressaltar a importância dos nomes pois, como analisa Michel Foucault, devemos considerar que a maneira pela qual representamos (nomeamos) as coisas do mundo esta relacionada ao modo como exercemos nossa intervenção sobre este mesmo mundo. de certa maneira, representam FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Nesta mesma direção, apesar das divergências, dois historiadores, entre outros, contribuem para a esta discussão dos significados das representações: Robert Darton e Roger

passaram a identificar-se com os núcleos caipiras dos arredores das cidade de São Paulo".<sup>10</sup> Esse foi, a partir das análises que realizamos até agora, o caso de Guarulhos como antigo aldeamento. Conforme os memorialistas e historiadores daquela cidade, - parte da bibliografia fundamental da pesquisa (João Ranali, Gasparino José Romão, Adolpho de Vasconcelos Noronha, Lineu Roque Aceiro) -, a fundação de Guarulhos ocorreu por volta de 1555-1560 como aldeamento, tornando-se paróquia e freguesia de São Paulo em 1685, constituindo-se como vila pela lei Provincial n 34, de 24/03/1880, elevando-se à categoria de município pela lei estadual n 1038 em 19/12/1906 e, finalmente, tornando-se comarca em 18/02/1956 pela lei estadual n 2.456, de 30/12/1953.<sup>11</sup>

Já a Penha de França, novamente conforme o levantamento em andamento, apesar de não ter sido área de antigo aldeamento como Guarulhos, Guaianazes e São Miguel, também vivenciou na época em estudo o processo de transformação de núcleo caipira para subúrbio, compondo hoje a “periferia” paulistana. Seguindo os estudos de Nuto Santa'Anna, Aroldo Azevedo, Afonso de Freitas, Ernani Silva Bruno, Geraldo Sesso Jr, entre outros, e dos historiadores-memorialistas da região (Silvio Bontempi e Hedemir Linguitte), mesmo não existindo "nada de positivo" (...) sobre a fundação da Penha, “pode-se asseverar que teve começo na segundo metade do século XVII”, por volta de 1667. Pelas informações que apuramos, a Penha é elevada à categoria de paróquia por alvará de 15/09/1796, englobando uma extensa área desde São José do Belém até Itaquera, deixando sobressair sua importância religiosa.

Desta maneira, pensamos que o estudo dos dois espaços e seus sujeitos pode permitir a concretização de comparações e formas de abordagens alternativas do início da metropolização paulistana a partir de dois de seus arredores mais distantes, acompanhando continuidades e rupturas, uma vez que a Penha e Guarulhos possuíram processos de desenvolvimento particular e de integração à urbanização da cidade de São Paulo com diferenças e semelhanças. A título de demonstração das diferenças, ressaltamos que enquanto Guarulhos tornou-se município, a Penha

---

Chartier. DARNTON, R. **O Beijo de Lamourette**. São Paulo: Cia das Letras, 1990. / CHARTIER, Roger. **A História Cultural. Entre Práticas e Representações**. Lisboa, Difel, 1990.

<sup>10</sup> PETRONE, Pasquale. **Aldeamentos Paulistas**. São Paulo: Edusp, 1995, p. 373.

<sup>11</sup> As informações cronológicas acerca de Guarulhos e da Penha foram obtidas a partir da leitura de diferentes fontes e obras, algumas delas citadas no presente texto e serão detalhadas em nossa pesquisa.

continuou como um bairro da cidade de São Paulo, apesar de transforma-se em freguesia de Guarulhos entre 24/03/1880 – 03/05/1886.

Como exemplificação das semelhanças, no período em análise é perceptível que esses lugares, entre outras situações, eram espécies de entrepostos do centro da cidade de São Paulo com as áreas mais distantes e vice-versa. A Penha entreposto em relação à Itaquera, São Miguel, Guaianazes etc; Guarulhos em relação à Bonsucesso, Santa Izabel, Juquery etc.

Assim, aparentemente os dois espaços funcionavam como ponto de pouso, passagem e comércio entre aquele “cinturão caipira” e o centro, desempenhando o papel de entrepostos para caboclos, sitiantes, tropeiros, comerciantes e outros sujeitos, tornando-se espécies de núcleos avançados de contato entre as áreas mais centrais de São Paulo e os pólos populacionais da região.<sup>12</sup> Isso nos remete a um pressuposto teórico-metodológico no sentido de acompanhar o intrincado relacionamento entre formações com características diferentes e a inclusão desses espaços na dinâmica urbana relativa à um processo social mais amplo: a afirmação da sociedade capitalista, conforme discutiremos nos próximos tópicos.

Ou seja, procuramos evitar uma pura e simples dicotomia e/ou polarização entre “periferia”-cidade e/ou a leitura que aponta a primeira como espaço passivo das transformações urbanas e da metropolização. Trabalhamos com a idéia de interatividade e circularidade dentro de um processo social e econômico que é a urbanização e metropolização capitalista paulistana.<sup>13</sup>

Além de entrepostos, Penha e Guarulhos assemelham-se por serem considerados até hoje centros religiosos. A Penha como sede do Santuário da cidade desde 1909 em decorrência da devoção à padroeira de São Paulo (Nossa Senhora da Penha) e das suas tradicionais comemorações em torno da nova Basílica e da Igreja "Velha" (ou da "Ladeira" ), cuja primeira construção data de 1667, segundo o ano fixado acima da porta de entrada principal do templo. Ainda no bairro destacam-se também os cultos de fortes características populares à São Benedito

---

<sup>12</sup>A idéia de "entrepostos avançados" e "polos religiosos" em relação à Penha aparece também em algumas obras citadas na bibliografia e, particularmente, em: AZEVEDO, Aroldo de. "A Penha e suas Vilas Satélites". In: **Anuário da Faculdade de Filosofia – Sede Sapientae**. São Paulo, 1945. Quanto à Guarulhos, é possível acompanhar essa leitura em autores como João Ranali, Gasparino Romão e Adolfo de Vasconcelos Noronha

<sup>13</sup> O conceito de interatividade que trabalhamos é relativo à noção de inter-relação recíproca entre universos socioculturais e espaciais diferenciados, a partir da obra de E. P. Thompson. In: THOMPSON, E. P. **Miséria da Teoria**. Já o conceito de circularidade refere-se a maneira de Carlo Ginsburg analisar valores culturais que circulam em diferentes camadas sociais, em nosso caso, também em diferentes espacialidades. In: GINBSBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. São Paulo: Cia das Letras.

e junto à Igreja de Nossa Senhora do Rosário da Irmandade dos Homens Pretos, fundada em 1802 e tombada pelo Patrimônio Histórico do Estado em 1982.<sup>14</sup>

Por suas vez, Guarulhos revela-se como polo religioso através de suas tradicionais festas da Carpição e de Nossa Senhora de Bonsucesso, que ocorrem todo mês de agosto nas proximidades da Igreja de mesmo nome, construída por volta de 1774. Na cidade outros destaques religiosos são a Capela de São Benedito (no bairro de Bonsucesso) que data da segunda metade do século XIX e a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos, erguida como Capela entre 1555-1560.

Igrejas, capelas, espaços e tradições que, apesar do processo de metropolização, há muito tempo congregam inúmeros fiéis, manifestações religiosas e socioculturais típicas do sincretismo popular e caipira: folias de reis, congadas, moçambiques, São Gonçalo, caiapós, catiras, procissões, romarias, quermesses, cavalgadas, jogos, comércio de mercadorias e alimentos, etc.<sup>15</sup> Ponderações que nos fazem lembrar do importante trabalho de Murilio Marx intitulado "Seis Conventos, Seis Cidades" no sentido de acompanhar o papel desempenhado pelas instituições religiosas na conformação das diferentes espacialidades, no nosso caso, nas áreas aqui em estudo.<sup>16</sup>

Outro autor que colabora com essa leitura é José Tavares Correia de Lira. Discutindo as terminologias referentes ao processo de formação das cidades brasileiras, destaca que a paróquia “como entidade diocesana” era “dotada de uma área determinada e de ministros que lhe prestavam assistência espiritual. Na prática, todavia, assumia o sentido de um território, um distrito, onde o povo viva em referência, associado dentro dos limites territoriais a uma Igreja: ‘parochia sumitur pro ipso territorio sive districtu’.<sup>17</sup> Um dos nossos propósitos de pesquisa é,

<sup>14</sup> A idéia de “polo religioso” em relação à Penha aparece também entre os historiadores-memorialistas da região (Linguitte e Bontempi), além de Afonso de Freitas e Aroldo de Azevedo, entre outros.

<sup>15</sup> Há dois anos estamos registrando em foto, vídeo e entrevistas o conjunto arquitetônico-espacial dessas duas áreas, especialmente a Festa da Carpição de Nossa Senhora de Bonsucesso e a Festa da Nossa Senhora da Penha. Localizamos cerca de seis grupos de folia de reis em Guarulhos e uma na Penha. Possuímos também cerca de 20 entrevistas e, aproximadamente, 25 horas de gravação em vídeo. Estamos, deste modo, coletando informações tanto para a presente pesquisa como no sentido de solicitarmos o tombamento patrimonial dessas manifestações e espaços na cidade de Guarulhos, uma vez que somos membros do Conselho de Patrimônio da Cidade.

<sup>16</sup> In: MARX, Murillo. Seis Conventos, Seis Cidades. São Paulo: Tese de Doutorado Defendida junto à FAUUSP, sob orientação do Prof. Dr. Benedito Lima de Toledo. 1984. Citar Bontempi as páginas: 32 e 33.

<sup>17</sup> LIRA, José Tavares Correia de. “Freguesias Morais e Geometria do espaço Urbano - O léxico das divisões e a história da cidade do Recife”. In: **Anais do I Seminário Latino-Americano: “As Palavras da Cidade”**. Porto Alegre: Most-UNESCO/CNRS/CIEC-UNICAMP/UFRGS, 1999, p. s/p. / \_\_\_\_\_.

portanto, acompanhar a importância da Igreja e do sincretismo religioso na formação dos espaços em foco e, portanto, em relação à metropolização e consolidação da sociedade capitalista.

À posição de entrepostos comerciais e pousadas somam-se assim as manifestações de caráter religioso e popular, constituindo através da história um conjunto arquitetônico, espacial e territórios distintos dos que estamos acostumados a descrever (ou ler) quando tratamos de São Paulo na época e nos dias de hoje. Postura que nos remete a discussão do processo de constituição das paróquias e freguesias envolvendo atividades religiosas, socioculturais e econômicas através de uma possível diversidade de valores descrita da seguinte maneira por Claude Lévi-Strauss na década de 30:

*“Nos arredores de São Paulo era finalmente possível observar e recolher um folclore rústico: festas de Maio durante as quais as aldeias se ornamentavam com verdes palmas, lutas comemorativas, que se conservam fiéis à tradição portuguesa, entre mouros e cristãos; procissão da nau catrineta, navio de papelão armado com velas de papel; peregrinação a longínquas paróquias protetoras dos leprosos, as quais, no meio dos eflúvios crapuloso da pinga - aguardente de cana-de-açúcar muito diferente do rum e que se bebe puro ou em batida, isto é, misturada com o sumo de limão -, pardos mestiços vestidos de ouropel, com botas, e prodigiosamente bêbedos, se provocavam mutuamente ao som do tambor para duelos de canções satíricas. Havia também as crenças e superstições de que era interessante fazer o levantamento: cura de terçol pela imposição dum anel dourado; repartição dos alimentos em dois grupos incompatíveis: comida quente, comida fria. E outras associações maléficas: peixe com carne, mangas com bebidas alcoólicas ou bananas com leite.”<sup>18</sup>*

Essas características certamente formaram sociabilidades particularizadas, construindo todo um contexto sócio-espacial e arquitetônico que, além das Igrejas, é ainda perceptível nos formatos das ruas, praças, estrutura das faixadas das casas, antigas pousadas, casas dos romeiros, ferrovias, estabelecimentos comerciais e memórias de antigos moradores.

Isso propõe reflexões no plano sociocultural, - sem deixar de lado as dimensões econômicas e políticas - sobre esses lugares, seus sujeitos e acerca da conformação espacial e

---

regionalismo na arquitetura e ordenação do espaço habitado”. São Paulo: Tese de Doutorado Defendida junto à FAUUSP.

<sup>18</sup> LEVI-STRAUSS, C. **Tristes Trópicos**. Lisboa: Edições 70, 1955, p. 105 .



arquitetônica. Reflexões que acreditamos também justificar nossa escolha por essas áreas, uma vez que conduzem a pensarmos em possíveis formação de identidades num processo dialético - portanto, contraditório - que de certo envolveu continuidades, rupturas e incorporações de tradições com características tipicamente caipira (ou cabocla) em relação a metropolização de São Paulo. Propõe assim ponderações que nos remetem a repensar a relação entre a "modernidade" urbana em conflito ou não com manifestações e espacialidades populares tradicionais e, de certa forma, ainda hoje aparentemente preservadas, mesmo com várias alterações. Essa leitura nos encaminha na direção de um dos nossos pressupostos teóricos que é o de entender as formações urbanas como parte de um processo de origem social com diferentes dimensões.

Em Guarulhos, mais especificamente no bairro de Bonsucesso, e na Penha de França encontramos elementos para essas reflexões, uma vez que nesses lugares se "preservam", como já dissemos anteriormente, aspectos de ambientes construídos, patrimônios edificadas, festas populares-religiosas e memórias datando de séculos atrás, além de toda uma documentação que oferece pistas para releituras dos primórdios do processo de metropolização e suburbanização paulistana, através da história desses espaços.

A título de exemplificação de nossas ponderações nesse sentido, - apesar das procissões, das Irmandades de São Benedito e de Nossa do Rosário dos Homens Pretos da Penha não existirem mais (pelo menos não temos notícias delas), além da Igreja do Rosário ter ficado interditada pela Prefeitura Municipal até o início deste ano (2001) -, ainda hoje é constante a presença dos devotos orando e ascendendo velas em torno do santuário que, segundo o historiador e memorialista Hedemir Linguitte, era também um antigo cemitério de escravos e outros sujeitos despossuídos.

*“A princípio”, explica Hedemir Linguitte, “segundo nos foi dado saber através de publicações cujo nome não conseguimos reter, a capela chamava-se ‘Igreja de Nossa Senhora do Rosário da Irmandade dos Homens Pretos da Penha’. No adro da referida capela, ao que parece, houve ou ainda há ossadas humanas, resultado daquele desejo que muitos paroquianos e devotos faziam antes de morrer, de serem enterrados junto à igreja. Embora, para os vivos não fosse nada agradável a execução daquele desejo, pelas circunstâncias com que se*

*verificavam os sepultamentos... Penhenses antigos chegam a dizer que o Largo do Rosário era, na verdade, primitivamente, um cemitério paroquial*.<sup>19</sup>

Em Guarulhos, apesar da “invasão” das mercadorias modernas (cds, aparelhos de som, óculos escuros, etc) e das constantes intervenções do poder público limitando os espaços das Festas da Carpição e de Nossa Senhora de Bonsucesso, - culminando com a pavimentação realizada na área em torno da Igreja (década de 1970) e impedindo o ato de carpir -, a procura dos devotos pela terra ainda hoje é grande, bem como as manifestações populares tradicionais.<sup>20</sup> Essa situação tem levado mesmo a Prefeitura rever sua posição, colocando a Festa em seu calendário cultural-turístico e, mais recentemente, decretado o tombamento da Igreja de Bonsucesso como patrimônio municipal.<sup>21</sup>

Nesses lugares persiste mesmo, em muitos casos com alterações, uma arquitetura e distribuição espacial que lembra o final do século XIX e primeira metade do XX, constituindo cenários ao mesmo tempo diferenciados e semelhantes ao conjunto arquitetônico e sócio-espacial daquele costumeiramente descrito como sendo da Grande São Paulo, porém ainda pouco considerado como patrimônio histórico-cultural. Geralmente o conjunto arquitetônico e espacial que é destacado em São Paulo apresenta como seus exemplares típicos (por vezes considerados como únicos reveladores da cidade): os pavilhões industriais, as vilas operárias, os grandes casarões, os estabelecimentos comerciais-financeiros, as grandes avenidas, viadutos, as estações ferroviárias.

---

<sup>19</sup> In: LINGUITTE, Hedemir. **Santuário de Nossa Senhora da Penha – sua história, seus sacerdotes e sua gente**. São Paulo: s/e, 1989, p. 103.

As informações que possuímos sobre a Irmandade de São Benedito foram obtidas em entrevista que realizamos com “Dona Zezé”, última festeira da Irmandade de São Benedito e guardiã da Imagem do Santo. Além desses relatos objetivamos informações sobre folias de reis existentes naqueles espaço a partir de entrevistas com Dona Dirce e Laurinha.

<sup>20</sup> Segundo o jornal “Folha Metropolitana” de Guarulhos, durante as comemorações em 2000, aproximadamente, 15 mil pessoas passaram pela “Festa da Carpição e de Nossa Senhora de Bonsucesso”.

<sup>21</sup> Apesar do atual reconhecimento por parte da Prefeitura Municipal de Guarulhos, ainda faltam muitas coisas a serem realizadas. Numa monografia de 1987 a arquiteta Marli Almeida de Araújo, após estudar a área central do bairro de Bonsucesso em torno da Igreja, recomenda uma intervenção global no sentido da preservação do conjunto patrimonial da região. In: ARAÚJO, Marli Almeida. “Redesenhando Bonsucesso”. Guarulhos: Monografia Apresentada Junto à Banca de Graduação da UnG, 1987. Nesta mesma direção, nossa atuação junto à Secretaria de Cultura da PMG e ao Conselho de Patrimônio Municipal vem sendo realizada no sentido de auxiliar a comunidade de Bonsucesso na organização da Festa e na direção da criação de uma Comissão para a solicitação do tombamento da área e na exigência de uma menor intervenção do poder público quando das atividades do evento. Isso já resultou num abaixo-assinado da comunidade solicitando o tombamento estadual (via Condephat). Aliás, esse é um dos objetivos e discussões da presente pesquisa que envolve o debate acerca do patrimônio, memória, história e a criação de uma política para esses setores. Além disso, estamos há dois

Esta pesquisa busca novos olhares também no sentido de contribuir na ampliação do maneira pela qual é apresentada arquitetônica e espacialmente a cidade. Sabemos porém das dificuldades de tal dimensionamento, especialmente quando nos referimos aos arrabaldes de São Paulo. Carlos Lemos nos ajuda a entender essas dificuldades a discutir a casa bandeirantista nos arredores paulistano acentuado: "... sobre o complexo rural envolvendo a casa bandeirantista nos arredores de São Paulo. Certa vez, chegamos mesmo a dizer que a casa da roça do bandeirante era uma espécie de esfinge semi-decifrada. Dela, pouco sabemos."<sup>22</sup>

Novamente Claude Lévi-Strauss nos oferece pista nessa direção na seguinte descrição que auxilia visualizar esses espaços:

*"No talude que desce em direção ao Tamamduathey e que domina os bairros populares do Brás e da Penha, ainda subsistiam em 1935 algumas ruelas provinciais e alguns largos: praças quadradas e cobertas de ervas, rodeadas por casas baixas cobertas de telhas com pequenas janelas gradeadas, caídas, tendo dum lado uma igreja paroquial austera, sem qualquer decoração para além da chaveta dupla que recortava um frontão barroco, na parte superior da fachada."*<sup>23</sup>

Essas particularidades somadas aos dados que estamos coletando potencializa o estudo comparativo das transformações vivenciadas pelas áreas acima descritas e seus sujeitos no plano arquitetônico, urbanístico e sociocultural, acompanhando continuidades, rupturas e incorporações no processo de transformações dos arredores paulistanos. Isto é, dos arrabaldes para subúrbios e, atualmente, “periferia”.

Não obstante, o estudo de Guarulhos e do bairro da Penha de França permiti também discutirmos como a constituição de um **planejamento e identidade política-administrativa** única e/ou separada foram dimensões que atuaram (ou não) nesses espaços. Podemos discutir essa situação quando a Penha transformou-se em freguesia de Guarulhos e posteriormente retornou à cidade de São Paulo. Do mesmo modo, podemos realizar o estudo quando do desenvolvimento histórico de Guarulhos como município “unificador” , no sentido

---

anos registrando e auxiliando a comunidade local na organização da Festa da Carpição e de Nossa Senhora, resultando num rico material de pesquisa, conforme já assinalamos.

<sup>22</sup> LEMOS, Carlos A . C. "O Estudo da História na Formação do Arquiteto". In: SZMRECSANYI, M. I.(Org.) **Anais do Seminário Nacional: O Estudo da História na Formação do Arquiteto**. São Paulo: FAU-USP/FAPESP, 1994, p.37. / LEMOS, Carlos A . C. A Casa Bandeirantista.

<sup>23</sup> LÉVI-STRAUSS, C. **Tristes Trópicos**. Lisboa: Edições 70, 1986, p. 91

administrativo, de pólos populacionais tão antigos como seu núcleo central. Núcleos como: Cabuçu, Bonsucesso, Vila Galvão, Cumbica.

Ainda no plano político-administrativo e em relação à constituição das identidades a cidade de Guarulhos, por vezes, é contentemente vista como um bairro de São Paulo, gerando um potencial conflito de identidade. Na mesma direção, no município existem bairros (Bonsucesso e Cumbica são exemplos) que possuem ainda na atualidade movimentos que reivindicam emancipação política-administrativa por não sentirem-se reconhecidos e amparados pelo poder municipal.

Assim, tanto no caso da Penha como de Guarulhos cabe indagar: será que a identidade política-administrativa criou identidade sociocultural única nesses espaços? Ou seja, será que existe identidade sociocultural única tanto para a cidade de Guarulhos como para São Paulo? Qual a relação entre identidade política-administrativa, criada com o planejamento pelo governo e a identidade socioculturalmente construída? Do mesmo modo, o quanto a divisão política-administrativa e o planejamento durante os primórdios da metropolização estavam relacionados mais à um processo estrutural de implantação da urbanização capitalista e menos ao respeito de identidades locais?

No **plano econômico**, o estudo da relação entre a Penha de França, Guarulhos e a cidade de São Paulo nos primórdios da metropolização e da suburbanização paulistana nos coloca questionamentos que permitem a discussão das bases de subsistência desses entrepostos e sua gente em relação à outros pólos populacionais, à área central metropolitana, à metropolização e à consolidação da urbanização capitalista. Possibilita assim aprofundar o debate de como esses núcleos relacionavam-se com a consolidação da modernidade capitalista, a importância (ou não) para o abastecimento e economia das duas cidades.

Isto é, a “cidade industrial” que se desenvolvia possuía qual intercâmbio com as formas de produção, trabalho e economia existentes nessas áreas? Quais as interações, incorporações, alterações nas diferentes formas econômicas então existentes nesses lugares? A título de exemplo de como estão surgindo nossas inquietações, o levantamento que estamos realizando junto às Atas da Câmara e aos “Processos Administrativos” de Guarulhos no período assinala

para o crescimento de pedidos de autorizações para a construção de Olarias na cidade, particularmente a partir da década de 40.<sup>24</sup>

Da mesma maneira numa listagem das firmas existentes naquele município encaminhado pela Prefeitura Municipal à Secretaria de Estado do Trabalho, Indústria e Comércio podemos perceber como as olarias dominavam a composição das indústrias da cidade somadas, é claro, à outras indústrias da construção: areia, argila, indústria de louças, lenha, telhas, etc.

Isso nos oferece pistas sobre o intercâmbio existente entre a cidade industrial que se desenvolvia com as tradicionais formas de produção, trabalho e economia existentes nessas áreas. Algo que acreditamos relacionar-se com a interação entre a produção mercantil simples e o capital. Isto é, possivelmente esse crescimento das olarias e dos setores relativos a construção poderia representar o fortalecimento de um tipo de indústria profundamente ligada ao crescimento urbano metropolitano.

Do mesmo modo, o desenvolvimento desse tipo de indústria provavelmente ofereceu à Guarulhos e região, apesar de não termos dados objetivos sobre a Penha, novas características econômicas que já não eram exclusivamente de uma economia baseada na produção agrícola, madeira, animais. Pensamos que essa produção é típica de um momento vivenciado pelos primórdios da metropolização paulistana marcada pela presença de um universo caipira que começou conviver com outras formas de existência e economia. Do mesmo modo, demonstra como o desenvolvimento urbano capitalista interagiu na constituição de identidades locais. Isto é, até hoje é expressivo o número de olarias ainda existente na cidade região

Portanto, análises que nos remete à discussão das interações, incorporações e alterações econômicas, sociais e culturais nas áreas em foco. Nos remete também à um outro tipo de questionamento: quais os intercâmbios econômicos locais? Para o nosso estudo, tudo indica que existiam intercâmbios entre Penha, Guarulhos e outras áreas, surgindo uma espécie de economia local. Outra vez, a título de demonstração da interatividade entre as questões socioculturais, política-administrativas e econômicas na constituição urbana, ao lermos algumas das Atas da Câmara de Guarulhos no período que a Penha era sua Freguesia (1880/1886), encontramos reclamações de membros da Igreja Católica penhense em relação à arrecadação realizada pelos fiscais de Guarulhos.

---

<sup>24</sup> Estamos criando quadros quantitativos e qualitativos dessas e outras solicitações.

Ou seja, a escolha desses espaços possibilita também discutirmos relações de dependência e subsídios não só relativas às áreas mais centrais de São Paulo, como entre os próprios lugares periféricos considerados. Potencializa desse modo acompanharmos como o "intercâmbio" local e a subsunção de uma provável economia caipira de subsistência mercantil pelo capital teriam a ver com a condição dos arrabaldes mais distantes da área central paulistana transformados em subúrbios e depois em "periferias". Ao mesmo tempo, permite analisarmos as transformações na "vida cotidiana das populações e de seus espaços", questionando a idéia de serem somente espaços de exclusão das "classes subalternas" e, ao mesmo tempo, através do estudo populacional das atividades econômicas, apreender as estratificações sociais paulistas.<sup>25</sup>

Quanto ao período escolhido (1870-1945), embora amplo, destacamos que ele fica consagrado pela bibliografia sobre São Paulo, particularmente da FAUUSP cujo exame crítico é um dos propósitos de nossos estudos, como uma época de grande desenvolvimento urbano, crescimento populacional, expansão territorial da área urbana, constituição da "cidade industrial" e início da metropolização paulistana, tornando-se uma época privilegiada para o estudo da urbanização, do urbanismo e da ação do Estado e da economia sobre o espaço.

Mesmo tomando os devidos cuidados em não estabelecer uma relação determinista que aponta como única causa da produção e reprodução do espaço a acumulação do capital,<sup>26</sup> acreditamos que em grande parte esse desenvolvimento urbano e demográfico paulistano no período esteve relacionado ao crescimento que, por sua vez, relacionou-se com a expansão do complexo cafeeiro, com a inserção dessa economia no mercado de capitais internacionais. Aliás, Maria Irene Szmrecsanyi explica que esse processo possibilitou a constituição de uma dominância político-econômica regional e federal que está na raiz da metropolização paulistana e, sendo assim, da "substituição da metrópole nacional do Rio por São Paulo".

Em outras palavras, esse recorte da história é caracterizado como de "construção política por uma elite regional da modernidade capitalista paulista nacional" ao desencadear processos econômicos, sociais e culturais que provocaram uma modernização institucional e de costumes

---

<sup>25</sup> Flávio Villaça realiza algumas análises nesta direção na obra: VILLAÇA, F. **Espaço Intra-Urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp, 1998.

<sup>26</sup> Mark Gottdiener é um dos autores que chama atenção para os cuidados com as relações de tipo determinista em relação ao estudo do espaço urbano. In: GOTTIDIENER, M. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1993.

adotando padrões burgueses europeus e norte-americanos que atuaram sobre a configuração espacial e populacional paulistana e, certamente, dos núcleos aqui em estudo.<sup>27</sup>

Contudo, é pertinente destacar que essa modernização, possivelmente, não representou uma simples cópia, como podemos compreender ao ler as análises de Roberto Ventura sobre as polêmicas literárias no Brasil do final do séc. XIX e início do XX. Havia um processo, por vezes contraditório, de recriação das idéias e práticas de fora.<sup>28</sup>

Em nossa dissertação de mestrado acentuávamos esta característica ao tratarmos das intervenções de Antonio da Silva Prado da seguinte maneira: “Ex-monarquista, filho de uma das famílias mais tradicionais de São Paulo, conhecido por suas posturas conservadoras e por ter sido um dos maiores defensores da vinda de imigrantes para substituir os escravos, o ‘Conselheiro’ governou a cidade por um período de uma década (1889-1910) (...) Um ‘homem conservador por natureza, à frente da ‘modernização’ europeizante de São Paulo. Em outras palavras: um modernizador conservador e uma modernização conservadora (...) Essa aparente contradição vislumbra como deveria ocorrer a ‘modernização paulistana’ e quais seriam seus agentes. Ao que tudo indica, por um lado seriam conservados as antigas desigualdades sociais e o status quo, por outro buscariam o moderno e a prosperidade ao estilo europeu”.<sup>29</sup>

Pensamos assim que a modernização paulistana possuiu também características locais fortemente conservadoras de antigos padrões, revelando contradições, como o desacordo entre as idéias liberais adotadas pela elite brasileira com a sociedade escravista ou patrimonialista ainda existente, como bem explica Roberto Schwarz em sua obra “Ao vencedor as batatas”.<sup>30</sup>

A própria bibliografia da FAU-USP mostra que urbanisticamente trata-se de momento em que a elite local procurava redefinir o significado de São Paulo e de suas intervenções no espaço.<sup>31</sup>

<sup>27</sup> SZMRECSANYI, M. I. "Rio e São Paulo: raízes da substituição da metrópole nacional". In: **Revista da USP**. São Paulo: EDUSP, p.204.

<sup>28</sup> VENTURA, R. **Estilo Tropical. História Cultural e Polêmicas Literárias no Brasil, 1870-1914**. São Paulo: Cia das Letras. 1991.

<sup>29</sup> In: SANTOS, C.J.F. dos. Ob. Cit, p. 73 e 74. As considerações sobre Antonio da Silva Prado foram baseadas nas obras dos seguintes autores: BRUNO, Ernani da Silva; PENTEADO, Jacob; ROLINIK, Raquel; SEVECENKO, Nicolau; ANGELO, “São Paulo- 110 anos de industrialização. Volume I: 1880-1913”. In: **Isto é – Senhor. São Paulo: 1990, p. 16-19**.

<sup>30</sup> SCHWARZ, R. “As idéias fora do lugar. In: **CEBRAP, N.33**. São Paulo: 01/07/1973, p.149-61.

<sup>31</sup> Os discursos de Roberto Simonsen, especialmente durante a abertura das “Jornadas de Habitação Econômica de 1941”, promovidas pelo do Idort, são significativos neste sentido. O economista solicita uma maior intervenção do Estado nas questões urbanas, particularmente habitacionais. In: SIMONSEN, R. In: **Revista do Arquivo Municipal. Ano VII, Vol. LXXXII**. São Paulo: PMSP, março/abril, 1942.

Portanto, na caracterização da natureza do período em foco partimos de uma discussão histórico-estrutural, tendo como base o desenvolvimento da sociedade capitalista no Brasil e em São Paulo, buscando as relações desse processo com os espaços aqui focalizados e as transformações no plano sociocultural e político-administrativo. Concordamos assim com o que escreve Cândido Malta ao discutir as formas de abordagem do espaço urbano: "... estamos buscando compreender como se dá o próprio processo social, e portanto histórico, de produção, apropriação e consumo do espaço urbano no interior do processo maior de transformação de nosso capitalismo dependente e tardio".<sup>32</sup>

Desta maneira, se é neste contexto histórico mais amplo e, por vezes contraditório, que colocamos o processo de urbanização, industrialização e início da metropolização, não iremos deixar de acompanhar particularidades e mesmo estabelecer uma discussão metodológica sobre essa difusão cronológica.

A título de exemplo de nossas inquietações em relação as particularidades, estamos usando o termo "cidade industrial" e "primórdios da metropolização" para o período em questão em decorrência de ser frequente descrever a metropolização como nascente a partir da década de 40. Entretanto, acentuamos que está em nosso propósito discutir esses conceitos no que tange à "periferia" paulistana, bem como a cronologia apresentada.

Isto é, acreditamos que no estabelecimento dos marcos cronológicos da metrópole é necessário acrescentar outras dimensões além das históricas-estruturais. Conforme explica Maria Adélia Aparecida de Souza, ao discutir seu trabalho de pesquisa "... na documentação que comecei a coletar (documentação iconográfica, textos, ensaios, etc) existem documentos que falam em São Paulo e seus subúrbios em 1840. E, pelo menos entre nós subúrbio é uma terminologia nitidamente ligada ao fenômeno de metropolização".<sup>33</sup>

Na mesma direção José Tavares Correia de Lira, numa comunicação citando Mogi das Cruzes, acentua que já no Código de Posturas daquela cidade, em 1909, era circunscrito "aquilo que se podia chamar de 'perímetro urbano', para distinguir determinada área do município dos distritos de paz e povoações de que também era composto e assegura-no seu interior a exigência

---

<sup>32</sup> MALTA, C. "Espaço Urbano". In: **Evolução Urbana da Cidade de São Paulo: 1872-1945**. São Paulo: Eletropaulo, 1989, p. 27.

<sup>33</sup> SOUZA, M. A. A. "Metropolização e o Estudo do Cotidiano". In: SZMRECSANYI, M. I. (Org.) **Cotidiano, Cultura Popular e Planejamento Urbano**. São Paulo: FAUUSP, 1985, p. 116.



da ‘competente licença da Prefeitura para a construção de edifícios, muros e calçadas, reparos nas paredes frontais dos prédios, divisão de terrenos em ruas, avenidas e praças’.<sup>34</sup>

Como esclarece Maria Irene Szmrecsanyi, é necessário tomar os devidos cuidados com a tendência de misturar as duas outras terminologias (cidade industrial e metrópole), apesar dessa "mistura se entende no caso de São Paulo, pois sua constituição como metrópole nacional deve-se em grande parte ao dinamismo de sua indústria. Mas há que distinguí-las para que se possa entender que tamanho e poderio urbanos nem sempre se entrelaçam à produção fabril e que esta nem sempre reflete em seu locus a força econômica e cultural que é capaz de provocar".<sup>35</sup>

Portanto, consideramos o período que estudamos como fundamental tanto para o debate da relação “periferia”-centro metropolitano, como para a discussão da formação das identidades locais e do processo de metropolização, respeitando diferentes dimensões compreendidas num processo mais amplo da urbanização capitalista paulistana.

Não estamos querendo apontar esta época como primeira, - a das origens -,<sup>36</sup> a principal e mesmo como única para a constituição da metrópole, de sua urbanização, formação populacional e representações. No entanto, é frequente encontramos na literatura sobre a história de São Paulo, particularmente a da FAUUSP, o final do século passado e as três primeiras décadas do XX como um de seus marcos expressivos e mais representativos na constituição da "cidade industrial" rumo à constituição da "metrópole paulistana" e muitos de seus "símbolos".

Pela pesquisa que realizamos até agora, é pertinente assinalar nossa concordância com as análises situando o período como um momento no qual a metrópole (incluindo os espaços aqui em estudo) vivenciou importantes transformações urbanísticas e populacionais, fundamentais

<sup>34</sup> LIRA, J. T. C. de. “Freguesias Morais e Geometria do espaço Urbano - O léxico das divisões e a história da cidade do Recife”. In: **Anais do I Seminário Latino-Americano: As Palavras da Cidade**. Porto Alegre: Most-UNESCO/CNRS/CIEC-UNICAMP/UFRGS, 1999, s/n/p.

<sup>35</sup> In: SZMRECSANYI, M.I. (Org.) **Revista da Pós - Estudo da História na Formação do Arquiteto**. São Paulo: FAUUSP/FAPESP, 1995, p. 147.

<sup>36</sup> Neste item, é interessante a análise de Marc Bloch sobre alguns dos perigos em relação à procura pelas origens e acerca da relação passado-presente / presente-passado. O autor foi lembrando aqui porque o projeto também busca uma discussão neste sentido, guardadas as devidos "cuidados" assinalados por Bloch: "No vocábulo corrente, as origens são um começo que explica. Pior ainda: que basta para explicar". Consequentemente, torna-se claro para o historiador que: "nunca um fenômeno histórico se explica plenamente fora do estudo do seu momento". Segundo Bloch, isto vale "para todas as etapas da evolução, para aquele em que vivemos, como para outras". BLOCH, M. "A História, os Homens e o Tempo". In: **Introdução à História**. Lisboa: Publicação Europa-América, p. 31 e 36.

para sua configuração espacial, arquitetônica e sociocultural e para a construção de várias das representações sobre a capital do Estado.<sup>37</sup>

Uma época que, segundo muitos de seus cronistas, estudiosos e até mesmo administradores,<sup>38</sup> deu início ao caminho do surgimento da metrópole paulistana a partir da intitulada "segunda fundação de São Paulo", - durante a administração de João Theodoro (1872-1875) -, passando pela consagração da "capital do café", - gestões de João Alfredo, Antonio Prado (1889-1910), Raymundo Duprat (1911-1914), Washington Luiz (1914-1919) Firmino Pinto (1919-1925), Pires do Rio (1926-1930) -, e consolidando-se com a consagração da "cidade industrial" e metrópole durante as décadas de 30 e 40 com as gestões de Anhaia Mello (1930-1931), Fábio Prado (1934-1938) e Preste Maia (1938-1945).<sup>39</sup> Lendo a produção da FAUUSP percebemos bem a importância do período em foco como uma das bases para o entendimento da conformação da metrópole paulistana.

A área metropolitana paulistana, sua divisão espacial-administrativa, importância econômica, política, sociocultural no contexto nacional e internacional, no geral, é descrita a partir de um processo histórico que aponta para a existência de um núcleo central e inicial. Denominado de "centro histórico" esse núcleo central é assinalado como enradiador da metropolização, urbanização e conurbação dos antigos arredores, compostos pelos atuais bairros e cidades da região metropolitana, numa época que também acostumamos a estudar como de

---

<sup>37</sup> Assinalando o significado do período em estudo pode-se destacar que na época ocorreu um dos mais expressivos crescimentos urbanos e demográficos da história paulistana Durante a realização da nossa dissertação de mestrado, efetuamos levantamento da história urbana da cidade. A virada do século XIX para o XX sobressaiu em decorrência de seus elevados índices de crescimento: "(...) entre 1872 a 1890 a população havia crescido em cerca de 38.914 pessoas, numa variação percentual de 124,78%". De 26.020 habitantes para 64.934. "Foi, entretanto, nos últimos dez anos, que esse crescimento acentuou-se: em 1900 São Paulo possuía quase 200 mil pessoas a mais do que em 1890, uma evolução percentual de 200,2%. Nos dois primeiros decênios deste século, não obstante o crescimento percentual ter diminuído, continuou ocorrendo uma vertiginosa elevação do número de habitantes da Cidade. Esses dados equivalem dizer que em 48 anos a população da Paulicéia multiplicou-se aproximadamente em 22 vezes". In: SANTOS, C.J.F. **Nem Tudo Era Italiano – São Paulo e Pobreza (1890-1915)**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 1998, p. 33.

<sup>38</sup> O próprio Prefeito Preste Maia, ao descrever a importância da época e sobre seus projetos, permiti acompanhar a idéia de termos este período como inaugural para a formação da metrópole. Entre os textos do prefeito destacamos: MAIA, F. P. "Prefácio". In: KARFELD, Kurt Peter. **São Paulo. Melhoramentos**. São Paulo: 1954. Já entre os estudiosos, especialmente do processo de transformações urbanas que contribuem com uma leitura de certa maneira estadista sobre São Paulo, entre outros, vale destacar o trabalho de: TOLEDO, Benedito Lima. **Três Cidade em Um Século**. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

<sup>39</sup> O termo "a Segunda fundação de São Paulo" advém de Euripides Simões de Paula.: "A Segunda fundação de São Paulo. Da pequena cidade à grande metrópole de hoje". In: **Revista de História**. São Paulo, n 17, vol. VIII, 1954. Citado por: PASSOS, Maria Lúcia Perrone de Faro. "Apresentação". In: **Evolução Urbana da Cidade de São Paulo (1872-1945)**. São Paulo: Eletropaulo, 1989, p. 10.

transformação do "pequeno Burgo de estudantes" em uma "grande cidade moderna", industrial, comercial e financeira, a exemplo das cidades européias.<sup>40</sup>

Nesse tipo de exposição, três posturas ficam aparentes. Uma delas é relativa a expressão metrópole que, como explicita Flávio Villaça, “entre nós, está por demais associada à importância social, econômica e cultural de um núcleo urbano”.<sup>41</sup> Uma segunda postura resultante da leitura exposta aponta para a idéia de que a cidade histórica fica circunscrita ao centro inicial da fundação e suas redondezas. E como terceira concepção transparece a concepção de que, aparentemente, uma "nova cidade" havia substituído a anterior, apagando todo o passado indesejado pela nascente "São Paulo moderna".

Ficamos com a impressão que a história da formação da metrópole e sua urbanização, na época, ocorreu prioritariamente ou somente a partir das experiências vivenciadas por alguns de seus sujeitos em determinados espaços considerados simbólicos.<sup>42</sup> Em construções sobre o passado da cidade como essa, a história de São Paulo no período confunde-se com a de determinadas regiões, deixando à margem outros espaços e sujeitos.

O que questionamos é o silêncio acerca de outras áreas e sua gente. Geralmente nessas posturas não se reconhecem (ou pelo menos ficam minimizadas) as experiências particulares e a interação com o início do processo de metropolização paulistano dos antigos e também históricos núcleos populacionais dos arredores da área metropolitana. Num trabalho discutindo a “Estrutura Urbana e a Política Habitacional” em São Paulo, Nestor Goulart Reis, aponta para essa falta de estudos sobre os espaços aqui em discussão, dificultando até a formulação de projetos de intervenção. Explica o autor: “Os bairros que envolvem a área metropolitana de São Paulo, são ocupados, em geral, por camadas de baixo poder aquisitivo e apresentam características próprias, ainda pouco estudadas.”<sup>43</sup>

<sup>40</sup> A título de exemplo dessa leitura citamos o seguinte trecho: “... no decorrer das primeiras décadas de nosso século, acompanharemos a expansão do pequeno núcleo, tendo o centro da cidade como eixo da rede de comunicações, num processo de conurbação dos núcleos vizinhos.” In: PASSOS, M.L.P.deF. “Apresentação”. In: **Evolução Urbana da Cidade de São Paulo (1872-1945)**. São Paulo: Eletropaulo, 1989, p. 12.

<sup>41</sup> VILLAÇA, F. **Espaço Intra-Urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp, 1998, p. 49.

<sup>42</sup> As leituras mais consagradas no geral destacam somente e/ou principalmente os seguintes lugares: o núcleo "original" e central da cidade (Praça da Sé, República, o chamado "Triângulo" formado pela ruas Direita, XV de Novembro, São Bento), suas adjacências (Santa Cecília, Santa Efigênia, Sul e Norte da Sé, Bexiga), as áreas próximas das indústrias e antigas vilas operárias (Brás, Mooca, Belenzinho, Barra Funda etc) e as áreas 'nobres' (Paulista, Higienópolis, Perdizes etc)."

<sup>43</sup> REIS, N.G. “Apropriação do solo urbano e política habitacional”. In: **Cadernos de Pesquisa do LAP – Revista de Estudos sobre Urbanismo, Arquitetura e Preservação**. São Paulo: FAUUSP, Jul/Ag de 1996, p. 38.

Já o sociólogo José de Souza Martins, discutindo a "falta de interesse" existente mesmo entre os acadêmicos com "preocupações sociais" em relação à história do "subúrbio", destaca: "a explicação está no fato de que os historiadores se dedicaram sobretudo à história de uma classe operária mítica. (...)"<sup>44</sup> Muito provavelmente, esses estudiosos acabam priorizando os possíveis espaços onde estava essa "classe operária mítica" e seus exploradores: os bairros e vilas operárias; os lugares onde estavam localizadas as sedes do poder político e as camadas mais abastadas.

Temos o propósito de estudar a "periferia" em relação com a metropolização paulistana, dimensionando esses espaços e sua gente nesse processo histórico. Como analisa Marta Dora Grostein: se "a elaboração de um projeto democrático para a cidade passa necessariamente" (hoje) "pela regulamentação e incorporação da cidade clandestina, pelo redesenho da periferia paulistana";<sup>45</sup> este processo também passa pelo redimensionamento histórico destes espaços da cidade.

Por outro lado, aparentemente essa relação metrópole-"periferia" no processo de metropolização e urbanização paulistana, quando aparece, assinala quase sempre uma situação de apenas subordinação da segunda à primeira. Talvez isso explica-se em parte pelas próprias opções teóricas e metodológicas que, por vezes, visualizam a "periferia" como espaço da parcela da população distante da cidade moderna desejada quando dos primórdios da metropolização e/ou lugares do alojamento e exclusão das massas trabalhadores. Isto é, lendo algumas de nossas fontes a "periferia" ora aparece como lugares do atraso; ora um como um simples resultado do processo de produção do espaço urbano a partir da urbanização capitalista da área central, suas adjacências e suburbanização das áreas mais distantes.

Um exemplo da primeira postura transparece na leitura de nossas fontes: impressões dos viajantes, relatos dos memorialistas e mesmo nas considerações das autoridades municipais, estaduais e federais. Quando referem-se as áreas aqui em estudo permitem acompanhar uma forte tendência em citá-las numa situação passiva, como lugares "rústicos" e habitadas por pessoas "inferiores e incivilizadas".

A título de demonstração, os diretores dos "Anuários da Seção de Demografia de São Paulo" para os anos de 1902, 1904 e 1905, ao tratarem dos "nascimentos ilegítimos" nos distritos

---

<sup>44</sup> MARTINS, J.deS. "Abismos da História". In: **Memória - 19**. São Paulo: DPH-Eletropaulo, pp.19.

<sup>45</sup> GROSTEIN, M.D. "Uma cidade por refazer: a periferia paulistana". In: Ob. Cit., p. 38.

considerados distantes da área central, deixam vir à tona sinais de como era vista a população desses espaços sociais pelos poderes públicos. Porém, ao mesmo tempo, permitem acompanhar uma das dimensões do comportamento de uma parte da população paulistana destas áreas, um dos temas centrais de nosso trabalho.

O tratamento dado era o de considerar os sujeitos sociais da população dos lugares distantes dos centrais como de: <sup>46</sup> "*diminuto cultivo intelectual e mediana educação, afastados como estão do centro (...) das populações cultas*".

Do mesmo modo, apontar aquela "gente" como de: "*menor noção de moralidade (...) por serem povoações distantes dos centros moralizados*".

E ainda descreve os moradores dos subúrbios como de: "*menor grau de civilidade e moralidade vivendo em lugares, afastados do centro*".

Provavelmente essa leitura estava relacionada tanto às tradições culturais, sociais, departamentais e aos estilos de vida dos habitantes daqueles espaços; como, por outro lado, relativas ao olhar de quem descrevia.

Não obstante, é sempre significativo ter presente o quanto transformações experimentadas pela cidade estavam ligadas (ou não) à interesses de constituição de determinados padrões e projetos, as vezes reproduzidos por parte da própria bibliografia sobre o assunto, sendo as áreas fora destes modelos colocadas à margem.

Em nossa dissertação de mestrado já destacávamos essa possibilidade. Ao discutirmos as memórias do italiano Alessando D'atri, apresentadas por Ernani da Silva Bruno, acentuávamos que um dos prefeitos da época em estudo, Antonio da Silva Prado: "não poupava esforços na direção de tornar São Paulo, pelo menos do ponto de vista estético e de acordo com os padrões urbanísticos europeus, uma das mais 'belas capitais da América do Sul'. Para tal, o 'Conselheiro' atuava ocultando ou suprimindo, isto é, tentando tornar invisíveis os traços 'não europeus ou caipiras' que acaso subsistisse na cidade em suas edificações, ruas, árvores, casa, praças, igrejas, costumes, hábitos".<sup>47</sup>

---

<sup>46</sup> As expressões que seguem foram obtidas junto às seguintes fontes: Anuários Estatísticos da Secção de Demografia: 1902, 1904, 1905. São Paulo: Diretoria do Serviço Sanitário, nas seguintes páginas: 101-102, 12, 12-13.

<sup>47</sup> SANTOS, C.J.F.dos. **Nem Tudo Era Italiano - São Paulo e Pobreza (1890-1915)**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 1998.

Como explica a historiadora Janice Theodoro da Silva, é possível pensar que no final do século XIX e início deste ocorreu uma prática sobre a cidade informada por um discurso do capitalismo racionalista, iniciando uma separação entre o urbano e o rural, a racionalidade e a suposta desordem.<sup>48</sup>

Aqui, novamente, são duas dimensões analíticas possíveis que não estão necessariamente separadas e até complementam-se. Uma, como debate Ana Lúcia Duarte Lanna, considerando "o aparecimento de uma visão técnica sobre as cidades e de uma percepção dos trabalhadores como classe perigosas" influenciando "nas formas de intervenção e controle que então se estabeleceram."<sup>49</sup>

E a outra, como discuti Maria Irene Szmrecsanyi em seu artigo sobre as "raízes da substituição da metrópole nacional" (do Rio para São Paulo), considerando o quanto a atuação dos grupos sociais mais abastados paulistanos estava relacionada às "estratégias de acumulação a curto e médio prazo aplicadas por conjuntos articulados de investimentos baseados em cada uma das cidades".<sup>50</sup>

Portanto, os discursos urbanista e as intervenções urbanas, nesse tipo de leitura, estavam relacionadas a interesses que não eram somente os da transformação espacial. Nesta direção, provavelmente existiam lugares e sujeitos que deveriam ser colocados como simbólicos da cidade nova que desejava-se construir e outros que seriam colocados à margem dessas representações.

Quando na atualidade continuamos a narrar e estudar a história da cidade e da metropolização somente a partir das áreas citadas, será que não estamos nos deixando levar por uma prática efetivada pelo poder público então e, ao mesmo tempo, deixando de lado outros espaços e sujeitos existentes na São Paulo da época em estudo? Eis aqui uma indagação cuja resposta positiva constitui uma hipótese para nossa pesquisa. Justificando mais uma vez o nosso recorte espacial em relação às áreas denominadas hoje de "periferia".

---

<sup>48</sup> SILVA, J.T. **São Paulo, 1554-1880: discurso ideológico e organização espacial**. São Paulo: Moderna, 1984.

<sup>49</sup> LANNA, A. L. D. "A Cidade Controlada: Santos 1870-1913". In: **Origens das Políticas Urbanas Modernas: Europa e América Latina, Empréstimos e Traduções**. RJ: IPPUR/UFRJ - CSU/CNRS - ANPUR, 1994, p.02. Em minha dissertação de mestrado também procurei discutir dimensões deste interesses e o quanto estavam relacionados a constituição de um mercado de trabalho supostamente disciplinado. In: SANTOS, C. J. F. Ob. Cit.

<sup>50</sup> SZMRECSANYI, M. I.(Org.) **Anais do Seminário Nacional: O Estudo da História na Formação do Arquiteto**. São Paulo: FAU-USP/FAPESP, 1994, p. 146-149. Aqui cabe também destacar uma das obras de

Já a “periferia” como resultado do crescimento a partir da área central da cidade, decorrente do processo de expansão do capital (industrialização, expansão da rede ferroviária e posteriormente da rodoviária), servindo para alojar as massa trabalhadora em condições suburbanas, pelo nosso levantamento é um postura mais decorrente das análises acadêmicas vinculada à um viés sociológico, econômico e do urbanismo, bem como da prática e concepções advindas do planejamento. Isto é, a “periferia” como espaço da exclusão dos trabalhadores, da pobreza e da suburbanização.<sup>51</sup>

Acreditamos que essa forma de discutir a “periferia” (como a outra – a “periferia” como espaço do atraso) possui vínculo com o processo histórico de formação da metrópole. Porém, importa destacar a existência nessas áreas (como as que estamos estudando) de núcleos de formação anterior à metropolização paulistana que interagiram com a urbanização e suburbanização da metrópole ao longo da história urbana de São Paulo. Desta maneira, além de resultado do processo de expansão do capitalismo, algumas das áreas da “periferia” paulistana possuem formação anterior.

O caso da Penha e de Guarulhos são exemplares: dois núcleos periférico de formação antiga que passaram de maneira diversa e semelhante por um processo de suburbanização e incorporação à metrópole, possuindo ainda hoje espaços com cara características “pré-metropolitana”, outros suburbanizados e ainda áreas densamente urbanizadas. Portanto espaços que vivenciaram ao mesmo tempo a dimensão “bucólica” e suburbana durante a metropolização paulistana.

É claro que existem espaços que surgiram com o processo de metropolização capitalista vivenciado por São Paulo, como bem analisa Hugo Segawa ao discutir o aparecimento da “periferia saudável e a periferia remediada” entre o final do séc. XIX e início do XX.<sup>52</sup> Contudo, como discuti Yvonne Mautner, não podemos deixar de esquecer que “empreendimentos imobiliários de luxo também podem ser encontrados nos limites da cidade, assim como cortiços

---

Henri Lefebvre que vem oferecendo significativa contribuição metodológica a este tópico de nossa pesquisa: LEFBVRE, H. **Introdução à modernidade: Prelúdios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

<sup>51</sup> Voltamos a destacar que um dos objetivos dessa pesquisa é fazer um levantamento teórico-metodológico da produção acadêmica sobre os espaços e temas aqui em discussão, particularmente da FAUUSP. Porém, esse levantamento está em seu início e, para evitar uma análise superficial, não iremos citar um conjunto de obras relativas à postura que estamos destacando.

<sup>52</sup> SEGAWA, Hugo. **Prelúdio da Metrópole – Arquitetura e Urbanismo em São Paulo na Passagem do séc. XIX ao XX**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

as áreas centrais – porém jamais seriam identificados”, pelo menos na atualidade, “como ‘periferia’”.<sup>53</sup>

Ou seja, não entendemos as áreas aqui em estudo a partir de um conceito fechado de “periferia” ou subúrbio, mas através de suas especificidades. Por isso, momentaneamente para acompanharmos a interação da Penha e Guarulhos com o processo de metropolização e suburbanização, estamos preferindo usar o termo “periferia” no sentido geográfico-espacial. Ou seja, estamos priorizando a posição dessas áreas em relação às áreas mais centrais.

Partimos assim da recomendação de Italo Calvino ao assinalar que não devemos confundir a cidade com o discurso que a descreve. No livro "As Cidades Invisíveis", o autor mostra como é possível "construir" diferentes cidades (e que no fundo é uma, apenas) conforme se privilegiem determinados aspectos. Cada grupo, com seu modo ver o mundo ou com interesses voltados para aspectos específicos pode construir e reconstruir a cidade a partir de elementos selecionados no amplo leque de opções.<sup>54</sup> Guardados os devidos cuidados em relação à idéia de determinação do tipo causal-temporal, acreditamos num desenvolvimento histórico que também vem interagindo com a constituição dessas imagens e concepções sobre a metrópole, possuindo o período aqui escolhido e a produção teórica sobre ele marcos para discussão da bibliografia existente sobre o assunto.

Pelo levantamento bibliográfico que realizamos até aqui assinalamos para a confirmação dessa análise. As obras que estamos estudando deixam transparecer maneiras de ver a cidade revelando métodos, conceitos, projetos e interesses.

Como discute Marta Dora Grostein, em sua tese de doutorado e num artigo bastante sugestivo para nosso trabalho: na atualidade "o encaminhamento de soluções" para a cidade “necessariamente nos remete à recuperação da memória desta ocupação urbana, (a “periferia” de São Paulo) e com isto à da história do planejamento urbano da cidade de São Paulo, no sentido de compreender este dado estrutural da configuração do espaço municipal paulistano”.<sup>55</sup>

---

<sup>53</sup> MAUTNER, Y. “A periferia como fronteira de expansão do capital”. In: DEÁK, CSABA & SCHIFFER, Sueli R. (Orgs.) **O processo de Urbanização no Brasil**. São Paulo, EDUSP/FUPAM, 1999, p. 253.

<sup>54</sup> CALVINO, I. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Cia das Letras. 1991.

<sup>55</sup> GROSTEIN, Marta Dora. "Uma cidade por refazer: a periferia paulistana". In: **Revista USP-5**. São Paulo, EDUSP, Março/Abril/Maio de 1999, p. 34. / \_\_\_\_\_. "A cidade clandestina; os ritos e os mitos. O papel da irregularidade na estruturação do espaço no município de São Paulo, 1900-1987". São Paulo: Tese de Doutorado FAU-USP, 1987.



Ou seja, uma leitura da história do urbanismo e urbanização da cidade considerando a “periferia” de São Paulo em diferentes dimensões. Estamos procurando assim também discutir o quanto a nosso olhar sobre a história de São Paulo ainda está marcado pela construção de representações totalizantes e pela exclusão de diferentes memórias e patrimônios.

Sabemos que existem obras com expressivas contribuições referentes às novas possibilidades metodológicas, conceituais, temáticas e relativas às fontes sobre o município. A produção da FAUUSP é um exemplo neste sentido. Aliás, este projeto deve muito não só a leitura desses estudos como daqueles que divergimos, pois as pesquisas e análises efetuadas por seus autores, bem como as fontes levantadas, contribuem para elaboração de novos caminhos a serem trilhados na direção de pensarmos a história de São Paulo. Aliás, algumas dessas obras já foram aqui citadas, estão presentes no transcorrer da pesquisa e constituem sua bibliografia básica.

Tais inquietações relativas aos trabalhos sobre a cidade e a formação da metrópole, por sua vez, conduzem ao estudo das próprias dimensões do que era ou não a cidade na época em análise, bem como a sua população, discutindo como os estudiosos do período realizaram essa classificação. Talvez assim possamos vir a compreender os vazios em relação à estes espaços em alguns dos estudos da história paulistana. Algo também relativo à discussão (na atualidade e, quando possível, no período) dos conceitos de cidade, subúrbio, “periferia”, arrabaldes, urbanização, metropolização.